

## ENTRE A CRÍTICA E A CRÔNICA: O ESPAÇO DO JORNALISMO NA TRAJETÓRIA DE ÁNGEL RAMA E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Joana de Fátima Rodrigues (UNIFESP)

Resumo: Em momentos distintos, frente a realidades histórico-sociais também distintas, García Márquez e Ángel Rama tiveram nas tarefas jornalísticas a oportunidade de elaborar suas produções textuais. Nesse processo de laboratório da escrita, escolheram na extensão do fazer jornalístico o momento para promover mudanças estéticas e linguísticas em suas escrituras, ou como expressou Aníbal González, “aguçando suas armas literárias para ir explorando e definindo a natureza do discurso literário em contraste com o discurso jornalístico”. (GONZÁLEZ, 1983). García Márquez teve os primeiros contos publicados no jornal colombiano *El Espectador* entre os anos de 1947 e 1952, fato que lhe assegurou o ingresso nas atividades jornalísticas, quando assumiu a coluna *Punto y Aparte* em 1948 no periódico *El Heraldo*, de Cartagena das Índias. Sua atuação como jornalista prosseguiu até os anos 2000, período em que reuniu textos na condição de repórter, crítico de cinema, colunista, redator, editorialista, editor e cronista. Se ao escritor colombiano coube a prática de textos diários e semanais, para apurar sua escrita literária, a escolha de Rama recaiu na tarefa de crítico de teatro e de literatura, entre diversas publicações latino-americanas, e em particular no semanário *Marcha*, uma das publicações culturais com um espaço politicamente independente, marcado pelo caráter reflexivo e analítico de seus textos, cujas páginas se abriam, de forma pioneira na América Latina, para a tarefa intelectual de apresentar, discutir e refletir, entre outros aspectos, o papel da literatura. Assim, o exercício da escrita para um veículo de comunicação da imprensa impressa trouxe para ambos um espaço privilegiado e legítimo para se formarem e se exercitarem como sujeitos críticos. Pois foi na imprensa o lugar em que eles nortearam sua própria escrita na condição de escritores. Cada um deles, com suas especificidades, García Márquez dedicado aos textos jornalístico-literários e Ángel Rama voltado para a crítica, com textos marcadamente ensaísticos, puderam expressar-se como intelectuais atuantes.

Palavras-chave: Literatura latino-americana, Laboratório de escrita. Jornalismo. Ángel Rama. García Márquez

O relato vem da memória de Eric Nepomuceno e já pontuou depoimentos informais do jornalista, escritor e tradutor que há mais de quatro décadas vem se dedicando à tarefa de verter para a Língua Portuguesa obras de autores latino-americanos entre eles, Gabriel García Márquez, Eduardo Galeano, Horacio Quiroga e Juan Rulfo.

Diante de um propósito gastronômico, García Márquez zanzava entre a cozinha e a sala do sobrado onde escreveu *Cem Anos de Solidão*, no bairro mexicano de San Ángel, tratando de dar andamento aos preparativos de uma versão adaptada da feijoada brasileira diante dos olhares de Nepomuceno, quando o próprio García Márquez chamou-o para que viesse conhecer um dos amigos ali presentes, o uruguaio Ángel Rama. O tom da informalidade deste encontro na residência do escritor colombiano nos idos dos anos de 1980 expressava uma condição pessoal muito cara a García Márquez, a amizade, mas no caso expressava, sobretudo, o respeito e a confiança entre o crítico literário Ángel Rama e o ganhador do Nobel de Literatura (1982).

Desde a época desse encontro já havia tempo que Rama e García Márquez mantinham uma profícua relação, iniciada na década de 1950 quando da publicação do romance *La Hojarasca* no Uruguai, ocasião em que se conheceram pessoalmente. A partir de então os dois permaneceram próximos e mantiveram nutrida uma vasta produção epistolar.<sup>1</sup>

No entanto, essa proximidade entre Rama e García Márquez passa a ganhar um outro espaço, desta vez público, e a referência aqui diz respeito ao espaço na imprensa, que se efetiva quando da publicação do artigo de Rama, intitulado *García Márquez: a violência colombiana* em abril de 1964 nas páginas de *Marcha*; semanário uruguaio que mantinha sua linha editorial focada nos assuntos de economia e política, mas que concedia à literatura e à cultura, espaço e tratamento muito particular desde sua criação.

---

<sup>1</sup> Uma das marcas particulares do crítico uruguaio, que se manteve alimentada por García Márquez com assiduidade. Correspondência essa ainda inédita e que por isso nos deixa um vazio crítico, uma vez que poderá vir a se constituir em contribuição a novos estudos e abordagens na obra de ambos os escritores, e particularmente no que diz respeito aos aspectos de formação da crítica literária latino-americana, em especial nas décadas de 1960 e 1970.

O tabloide semanal foi criado no ano de 1939 e contou com a orientação de Carlos Quijano, um dos intelectuais mais expressivos da história cultural do Uruguai.

Nesse artigo, Rama reforça um de seus temas centrais de discussão, quando afirma, “de que literatura estamos tratando, senão de uma literatura latino-americana, que como tal atende às aspirações de um continente geopolítico sócio-cultural com sua diversidade e complexidade de riquezas e matizes”.

Tal diagnóstico voltado para a escrita garciamarquiana então reunida até aquele momento em outros títulos, *El Coronel no tiene quien le escriba* (1961) e nos contos, organizados nos volumes *Ojos de perro azul* (1974) e *Los funerales de Mamá Grande* (1962) viera revelar também que o escritor colombiano, mergulhado em um realismo ao qual Rama nomeou de alucinado, “revivia com uma nova vitalidade, revelando-se como um eficaz instrumento para penetrar nas circunstâncias profundas da vida do homem americano atual”<sup>2</sup> (RAMA, 1964, pp.22-23).

Nesse artigo, Rama em discordância à linha de leitura de outros críticos que se apegavam à temática da violência colombiana, afirmara estar diante de um escritor que trazia sim uma forma inovadora e transformadora de narrativa, apresentando ao público leitor, sob um percurso questionador, personagens e cenários quase desconhecidos da mesma América Latina, personagens esses que Rama se encarregava de redesenhar no campo da crítica literária, imprimindo-lhe voz própria, com direito às narrativas igualmente próprias. Razões que endossaram a ênfase do crítico: “Penso que não exista um romancista que tenha visto de forma tão aguda e tão voraz, a relação íntima que existe entre a estrutura político-social de um determinado país e o comportamento de seus personagens”<sup>3</sup> (RAMA, 1964, pp.22-23).

O crítico uruguaio, que reconhecera em García Márquez, “um homem de esquerda”, não se furtara em salientar a preocupação do colombiano com as questões sociais, históricas e suas diretas implicações políticas, “frente a um rigor como até então não se havia visto na América Latina”. Em mais um trecho que destacamos deste artigo, Rama defendera com veemência a literatura de García Márquez:

---

<sup>2</sup> No original: “Revivía con nueva vitalidad, revelándose como un eficaz instrumento para penetrar en las circunstancias hondas de la vida del hombre americano actual”.

<sup>3</sup> No original: “Creo que no hay novelista que haya visto tan aguda, tan verazmente, la relación íntima que existe entre la estructura político-social de un determinado país y el comportamiento de sus personajes”.

Como um implacável teorema mental, o que García Márquez pretende é entender, no fundo, o porquê do destino de seus pequenos personagens interioranos; encontrar a chave que explique suas vidas frustradas. Volta e meia retorna obsessivamente ao mesmo povoado, sobre os mesmos personagens, e refaz outras vezes a mesma situação, como se trabalhasse sobre um campo experimental forjado em um laboratório próprio, para responder essa interrogação. (RAMA, 1964, pp22-23,)<sup>4</sup>

Após a publicação de *Cem Anos de Solidão*, em 1967, Rama continuou muito próximo à obra de García Márquez, e escreveu no ano de 1972 uma contundente resenha sobre o livro de Vargas Llosa, que era a tese de doutorado do escritor peruano, e havia sido apresentada na Universidade de Lima, intitulada *García Márquez: la historia de un deicidio*, justamente sobre o romance do colombiano. O resultado da crítica de Rama sobre a obra de Llosa teve um desdobramento caudaloso, com direito à réplica e tréplica em edições de *Marcha*. As tantas linhas da polêmica se constituíram no ensaio *García Márquez y la problemática de la novela*, publicado posteriormente (em 1974) em formato de livro e assinado em dupla, por Vargas Llosa e Rama.

Tal aproximação aos romances de García Márquez transformou-se em mais matéria-prima para um de seus cursos universitários, ministrado na Universidade de Vera Cruz, no México, em 1972, onde Ángel Rama esteve exercendo outras de suas atividades de intelectual de seu tempo, nas palavras de Edward Said, a de professor. O curso baseado nas obras *La hojarasca* (*O Enterro do Diabo* na versão brasileira), *Ninguém Escreve ao Coronel* e *Cem Anos de Solidão*, foi transcrito em um ensaio e publicado postumamente na revista *Texto Crítico* (1985) com o título de *La narrativa de Gabriel García Márquez. Edificación de un arte nacional y popular*, e teve também uma edição da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidad de la República (Montevidéu) em 1987, instituição em que o uruguaio desenvolveu um intensivo trabalho acadêmico, ministrando aulas nos cursos de Graduação, e assumindo a direção do departamento de Literatura Hispano-Americana da faculdade de Letras.

---

<sup>4</sup> No original: “Como un implacable teorema mental, lo que García Márquez pretende es entender, a fondo, el porqué del destino de sus pequeños personajes pueblerinos; encontrar la clave que explique sus vidas frustradas. Una y otra vez vuelve obsesivamente sobre el mismo pueblo, sobre los mismos personajes, rehace una y otra vez la misma situación, como si trabajara sobre un campo experimental forjado en un laboratorio propio, para desentrañar esta interrogación”.

A convivência e o estreitamento das relações junto ao escritor colombiano, que de certa forma funcionou como uma retroalimentação para o pensamento crítico de Ángel Rama, da mesma maneira levou García Márquez a reformular seu posicionamento sobre o que anteriormente admitia em relação à crítica. A resposta do colombiano ao questionamento da jornalista Rita Guibert, considerando que os críticos vinham se ocupando demasiadamente em mantê-lo no alvo central de suas miradas, García Márquez contestou: “No quisiera que mi respuesta pareciera despreciativa, pero ja realidades —y sé que es difícil que me lo crean— que juzgo poco a los críticos. No sé por qué, pero no comparo lo que yo pienso con lo que ellos dicen”.<sup>5</sup>

Permitir que o crítico se manifestasse em sua atividade de força maior, acabou resultando em um laço ainda mais estreito entre Rama e García Márquez, a ponto de o crítico uruguaio ter sido seu primeiro e mais fervoroso dos leitores de *Crônica de uma morte anunciada* (1981). O reconhecimento de tais laços efetivou-se na declaração de García Márquez quando da morte de Rama, ao afirmar “que desaparecia um dos únicos maiores críticos literários”.

Portanto, ao elegermos a publicação do artigo *García Márquez: a violência colombiana* como um marco na aproximação de fato entre estes dois intelectuais latino-americanos, justamente por se tratar da primeira vez que Rama se dedicava à leitura crítica da produção literária de García Márquez, trazemos aqui um espaço comum aos dois, o jornalismo. E é justamente nesse espaço, entendido como um plataforma de formação do sujeito crítico que chegamos a constatar uma passagem em comum a esses dois intelectuais.

Partimos daqui para um compacto retorno às origens da escrita jornalística de ambos, que ocorre na juventude, sob um fator comum aos dois, a necessidade de sobrevivência financeira, pois tanto o uruguaio, como o colombiano, encontravam-se às voltas para cobrir as despesas pessoais e com os estudos, uma vez que não podiam contar com a ajuda de familiares. De idades próximas, pois se levavam um ano de diferença (García Márquez era do ano de 1927 e Rama nasceu em 1926), vindos de famílias proletárias, frequentaram instituições públicas de ensino, e coincidentemente não chegaram a graduar-se em um curso universitário. No entanto foi a veia literária que os levou para as páginas da imprensa impressa.

---

<sup>5</sup> GUIBERT, Rita. *Siete voces*, México: Organización Editorial Novaro, S.A., 1974

Em sua juventude Ángel Rama colaborou com revistas culturais uruguaias, assumindo textos críticos e pequenos ensaios, mas foi no ano de 1945 que estreou nos periódicos, especificamente em *Acción*, ao assumir uma coluna sobre lançamentos de livros. Seguiram-se as décadas de 1950 até 1980, quando o uruguaio dedicou-se primeiramente à crítica de teatro e seguiu com as questões literárias no tabloide *Marcha*, na dupla função de crítico e de editor do caderno de literatura *Literarias*, onde ficou até o fechamento da publicação, em 1974, consequência das ações da ditadura militar chefiada por Juan María Bordaberry. Rama, porém, prosseguiu colaborando como crítico em outros periódicos fora do Uruguai, quando passou a viver como exilado, nos finais dos anos 1970 e início dos 1980 e se estabeleceu entre outras cidades europeias e latino-americanas na capital venezuelana Caracas, e tornou-se colaborador dos jornais *El Nacional* e *Últimas Noticias*.

Até sua morte, em 1983, decorrente de um acidente aéreo em Madrid, Rama foi o responsável pela edição do caderno literário de *Marcha* e por textos críticos marcantes para os rumos da literatura latino-americana conjuntamente com uma gama de escritores latino-americanos que incluía a Juan Carlos Onetti, Mario Benedetti, Mario Vargas Llosa, entre uma extensa lista que contemplou também Che Guevara, Carlos Quijano, o idealizador de *Marcha*, Jorge Ruffinelli, Emir Rodríguez Monegal.

No entanto, para assinalar esse traço comum aos dois latino-americanos, o de manter na imprensa impressa o espaço fundamental para a consolidação de sua escrita destacamos as atuações de Ángel Rama durante o ano de 1960, o primeiro da vigência da Revolução Cubana, marco que também ecoou na atuação do crítico frente às páginas de *Marcha* no sentido de dar espaços a novos autores, uruguaios em particular e latino-americanos de forma geral. Ponto que veio a se constituir em um de seus pilares como crítico e portanto como autor do conceito de transculturação, que defendia entre outros aspectos a formação e a consolidação de cultura, em particular a de uma literatura, “em um momento em que o escritor cumpre uma tarefa social, como uma espécie de um serviço público sui generis”, como afirmara em um artigo publicado em 30 de dezembro de 1960 na seção *Literarias* de *Marcha*, intitulado “La construcción de una literatura”. Um dos eixos principais da temática de minha tese de doutorado intitulada *Nas páginas dos jornais: Ángel Rama e Antonio Candido críticos literários na imprensa* (2011).

No caso de Rama, que pouco se ocupou da ficção, única exceção feita às memórias da família tecidas em *Terra Sem Mapa* (1959), as páginas do semanário, em particular nesse ano de 1960, passaram a se constituir em um espaço para seus exercícios de escrita. A ponto de tal desempenho ser reconhecido e corroborado pelo professor e crítico Pablo Rocca, na afirmação de que o uruguaio teve na linha francesa da cultura e do jornalismo muitas das referências para a sua forma de atuar nas páginas de periódicos, a começar por *Marcha*, que seguiu um modelo bastante próximo ao *Le Monde*. “Rama até 1960 respondia por um estilo de texto um pouco afrancesado”<sup>6</sup>, e que a partir de então, o crítico uruguaio passa a ter um texto e uma linguagem menos afrancesados, mais próximos à linguagem do jornalismo e portanto dotado de elementos referentes às questões de clareza da informação, brevidade, coesão, coerência, simplicidade, impedindo assim que o texto se transformasse em algo excessivamente ensaístico.

Foi em 1960 que o crítico uruguaio iniciou o que se poderia chamar de “Era Rama” no semanário, ao assumir a editoria de Literatura, passando a exercer a direção da seção *Literarias*. E sob a condição de editor-chefe, adotou uma nova linha editorial, divergente daquela mantida por seu antecessor, o ferrenho opositor Emir Rodríguez Monegal, que, desde 1949, vinha “haciendo de la sección una sucursal de la revista *Sur* y de su deslumbramiento respecto a las letras anglosajonas”, como observou Rama.<sup>7</sup>

A respeito dessa guinada de *Literarias* que, entre outras alterações, concedeu à literatura latino-americana mais espaço, Rama assim se pronunciou anos depois, em uma de suas obras fundamentais, *La Generación Crítica 1939-1969*.<sup>8</sup>

A mí me correspondió reinsertar la literatura dentro de la estructura general de la cultura, lo que fatalmente llevó a un asentamiento en lo histórico y a operar métodos sociológicos que permitieran elaborar la totalidad, reconvertir el crítico al proceso evolutivo de las letras comprometiéndolo en las demandas de una sociedad y situar el interés sobre los escritores de la comunidad latinoamericana, en sustitución de la preocupación por las letras europeas. (RAMA, 1972, p.136)<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> *Literatura, cultura e sociedade na América Latina* Ángel Rama. ROCCA, Pablo (org.) Belo Horizonte: editora UFMG, 2008, p16.

<sup>7</sup> “La Lección Intelectual de Marcha”, *Cuadernos de Marcha*, tercera Epoca, ano 5, n. 44, jun. 1989, p. 21.

<sup>8</sup> RAMA, Ángel. *La Generación Crítica, 1939-1969*. Montevideo: Arca, 1972 “La Generación Crítica, p. 89.

<sup>9</sup> RAMA, Ángel. *La Generación Crítica, 1939-1969*.

Nesta dupla função no periódico, o crítico se consolidou entre novas tarefas, referentes à edição, ao cuidado com as pautas e com seus colaboradores, e à sua própria escrita, que começou a apresentar mudanças. O que foi possível observar no conjunto de textos publicados entre janeiro e dezembro de 1960<sup>10</sup> é que estes se apresentaram sob um estilo mais jornalístico, com uma equação mais equilibrada entre a teoria, os dados factuais e suas inflexões críticas. Mais ambientado com as necessidades do fazer jornalístico, o crítico, na visão de Pablo Rocca, se apresentava “menos afrancesado e mais maduro”, e passou a deixar para trás sua primeira inclinação, “cosmopolita e afrancesada”,<sup>11</sup> aproximando-se do universo do leitor de jornal.

Essa condição apontada por Rocca, a de amadurecimento do crítico, se mostrava condizente com aquele período, se atentarmos novamente para a trajetória de Rama, que a essa altura somava anos de prática jornalística em outros periódicos – *El País*, *El Nacional*, *Match* e *Acción*. Ainda na imprensa, Rama contava com a experiência de ter sido secretário de redação da revista *Entregas de La Licorne* em duas ocasiões distintas.

Agregavam-se a essas experiências profissionais outras empreitadas culturais, como sua investida editorial junto à criação de editoras. Isso sem contar que, nessa época, Rama se fazia chegar aos leitores também por intermédio de seus primeiros livros: *Un Estudio del Lazarillo de Tormes* (1954, ensaios), *La Aventura Intelectual de Figari* (seleção de inéditos do pintor e escritor com um apêndice crítico de Rama, 1949), *¡Oh Sombra Puritana!* (1951, prosa) e as peças de *La Inundación* (1958), *Lucrecia* (1959) e *Queridos Amigos* (1961).

O percurso intelectual com atividades múltiplas, que envolvia Ángel Rama em uma rede de tramas superpostas, atendia a uma necessidade econômica, no sentido de lhe garantir recursos financeiros. Esse formato de se manter atrelado a tantas tarefas ganhava amparo no fato de que a maioria das suas atividades profissionais se desenrolava na capital uruguaia, uma cidade de pequeno porte, o que facilitava em muito o seu deslocamento entre os locais de trabalho. Tanto assim que o *modus vivendi* e o *modus operandi* do crítico praticamente não se apartavam. Também se somavam a

---

<sup>10</sup> Este conjunto constituiu-se no corpus para análise em minha tese de doutorado. Ver <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-20082012-091416/pt-br.php>

<sup>11</sup> Em P. Rocca (org.), *Literatura, Cultura e Sociedade na América Latina/Ángel Rama*, p. 16.



essa forma de vida traços de uma personalidade peculiar, marcada por uma “independência cultural”, como se referiu Mario Benedetti ao colega de jornal, a respeito desse comportamento ao estilo workaholic.

Se Rama havia optado e se decidido pela crítica, García Márquez desde o início de sua trajetória nas páginas do jornal já havia se identificado com a redação de textos, por isso de pronto assumiu as funções de redator de notas, de colunas fixas e de crônicas, em concomitância à reportagem, funções estas consonantes com o desejo maior de se tornar um escritor, ou um contador de histórias, como respondeu em uma entrevista no ano de 1974 à jornalista Rita Guibert<sup>12</sup>: “Mas penso que minha vocação não é a de escritor, mas sim a de contador de histórias”.

No entanto, a redação de textos de García Márquez não se limitou à coluna, foi comentarista, se encarregando portanto de editoriais, foi editor da página de notícias internacionais e também um excelente titular, ao imprimir nos títulos, segundo García Usta, em forma novidadeira e eficiente. “(...) o estilo de titular é coerente com a noção de jornalismo e literatura e o mundo que se tinha naquele tempo; formas cativantes, surpreendentes e humorísticas, as intenções literárias, plásticas e artísticas, frente ao combate da simplicidade denotativa, da grandiloquência e da monotonia”.<sup>13</sup>

Dos títulos às reportagens mais longas, como foi o caso de *Relato de um Naufrago* publicado primeiramente nas páginas do jornal *El Espectador* e depois em formato de livro em 1970, García Márquez optou em 1980 por exercitar sua escrita junto a um gênero literário que havia sido parte de sua rotina em menor escala no início de sua carreira jornalística, a crônica. E em meio a um cenário coalhado por questões sociopolíticas – e a referência aqui é para os primeiros quatro anos da década de 1980, em particular atenção à situação de muitos dos países da América Central, Honduras, Panamá, Guatemala, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, que viviam anos intensos frente aos ataques norte-americanos em seus territórios sob a era Richard Nixon – não deixou García Márquez impune às reações. Uma delas foi a retomada da escritura literária, cujo registro de autoria do próprio escritor encontra-se no prólogo de *Doze contos peregrinos*.

---

<sup>12</sup> *Siete voces* (México: Organización Editorial Novaro, S.A., 1974) No original: “Pero pienso que mi vocación no es la de escritor sino la de contador de cuentos

<sup>13</sup> USTA, Jorge G. *Cómo aprendió a escribir García Márquez*. Medellín: Lealon. 1995. p.357. No original: “El estilo de titular coherente con la noción de periodismo, la literatura y el mundo que se tenía por entonces; formas cautivantes, sorprendentes y humorísticas, combate a la simplicidad denotativa, a la grandilocuencia y la monotonia”.

Quando comecei *Crônica de uma morte anunciada*, em 1979, comprovei que nas pausas entre dois livros perdia o hábito de escrever e cada vez era mais difícil começar de novo. Por isso, em outubro de 1980 e março de 1984, me impus a tarefa de escrever um texto semanal para diversos países, como disciplina para manter o braço aquecido. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1992, pp.14-15).<sup>14</sup>

Levado pela necessidade de retomar o ritmo da escrita jornalística, uma vez que estava afastado das redações e dividia suas atividades entre compromissos políticos, reportagens de campo e a produção de seus romances, García Márquez assume a tarefa e volta, em outubro de 1980, a escrever uma crônica por semana. Como ele próprio afirma “com a mesma alegria, a mesma vontade, a mesma consciência, e muitas vezes com a mesma inspiração que teria para escrever uma obra maior”.<sup>15</sup>

Essa retomada da prática da escrita jornalística semanal, passando então para a função de cronista, em que lhe é permitido inventar incidentes e contar histórias, García Márquez traz para as páginas do jornal, um fazer literário por excelência que permite criar “um outro real”.<sup>16</sup> – ou seja ao narrar fatos, possa, sob a permissão do recurso literário, representá-los, alterando a ordem cronológica desses acontecimentos, mudando a sua frequência ou a duração, ou seja, abrindo uma dimensão ficcional na crônica que venha garantir o efeito da verossimilhança.

Tais operações demonstram que é possível entre o fazer literário e o fazer jornalístico um intenso e produtivo intercâmbio, contribuições que receberam do próprio escritor uma confirmação:<sup>17</sup> “A ficção melhorou meu trabalho jornalístico

---

<sup>14</sup> Tradução de Eric Nepomuceno. 7ed. Editora Record p. 13, 1995.

*Prólogo Por qué doce, por qué cuentos y por qué peregrinos* in: GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Doce cuentos peregrinos*: Barcelona: Mondadori, 1992. p.14-5. No original: Cuando empecé *Crónica de una muerte anunciada*, en 1979, comprobé que en las pausas entre dos libros (*El otoño del patriarca*, 1975) perdía el hábito de escribir y cada vez me resultaba más difícil empezar de nuevo. Por eso, entre octubre de 1980 y marzo de 1984, me impuse la tarea de escribir una nota semanal en periódicos de diversos países, como disciplina para mantener el brazo caliente.

<sup>15</sup> In: “Se necesita un escritor”. GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Notas de Prensa 1980-1984*. Santafé de Bogotá: Norma. 1991. p.408. (Tradução nossa).

<sup>16</sup> SATO, Nanami. “Jornalismo, literatura e representação” in: CASTRO, Gustavo de. & GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*: São Paulo: Escrituras, 2002. p. 33.

<sup>17</sup> STONE, Peter H. *Confesiones de escritores*. Los reportajes de *The Paris Review*. Escritores Latinoamericanos (prólogo de Noé Jitrik). Madrid: El Ateneo, 1981. p. 148. “La ficción ha mejorado mi trabajo periodístico porque le ha dado un valor literario. El periodismo ha mejorado mi trabajo de ficción porque ha servido para mantenerme en contacto con la realidad

porque deu-lhe um valor literário. O jornalismo melhorou meu trabalho de ficção porque serviu para manter-me em contato com a realidade”.<sup>18</sup>

Esse conjunto de crônicas reunido e publicado posteriormente em *Notas de Prensa 1980-1984*<sup>19</sup> adquiriu importância fundamental na obra garciamarquiana por constituir uma série que promoveu a intertextualidade entre os universos do jornalismo e da literatura, o que nos leva a assegurar que foi com esse conjunto de textos em que uma vez mais García Márquez pode ajustar a trajetória de sua escrita.

Ademais de promover tal mecanismo junto à sua escrita, a dedicação a esse gênero literário híbrido que permite o imbricamento entre a Literatura e o Jornalismo, no contato semanal com tal produção, García Márquez pôde imprimir a função histórica que o jornalismo também permite, já que a esse conjunto de textos coube a função de registro e a interpretação dos acontecimentos da época, função intrínseca ao gênero crônica que traz no nome a relação direta e explícita com o tempo.

De gênero híbrido, esses textos ficam a meio caminho entre a ficção e o jornalismo e reúnem características marcantes como a ambiguidade, a fragmentação e a subjetividade, permitindo que o escritor colombiano recuperasse sua boa forma de escrita e o pulso firme ao eleger temas pontuais no complexo momento político e social que o mundo enfrentava nesses primeiros quatro anos da década de 1980. Mas da mesma maneira permitiu que García Márquez passeasse entre a ficção e o cotidiano, usando de seu humor requintado e perspicaz para tratar de assuntos prosaicos que também rodeiam os escritores consagrados. Tudo isso condicionado nas várias camadas que a tessitura do texto permite. O que revela um cronista maduro, arraigado à sua dedicação artesanal com as palavras e à carpintaria da narrativa, sem, contudo desviar de seu compromisso com o jornalismo, o de levar informação.

Neste compacto repasse podemos confirmar que o processo de formação pessoal, intelectual e profissional de ambos percorreu caminhos distintos. No entanto, ao nos distanciarmos dos riscos comparatistas, é possível ao nos aproximarmos da trajetória jornalística dos dois intelectuais latino-americanos, e confirmamos igualmente

---

<sup>18</sup> Tradução nossa.

<sup>19</sup> Traduzida para o português e foi publicado com o título de *Crônicas Gabriel García Márquez. Obra Jornalística 5 1961- 1984*

que foram distintas, pois viveram em épocas e países diferentes, escrevendo para públicos igualmente diversos.

No entanto, voltando-nos ao nosso recorte frente estas duas trajetórias, o de Rama, em *Marcha*, e o de Gabriel García Márquez no periódico colombiano *El Espectador*, e chegamos a constatar que os dois apresentam uma relação de consanguinidade jornalística. Pois podemos entender o jornalismo como uma plataforma de formação da escrita e da escritura do sujeito crítico. Uma vez que foi no jornalismo que tanto Rama como García Márquez estabeleceram o lugar de onde iriam promover avanços em suas formas de expressão escrita. Pelo jornalismo puderam rumar ao projeto maior de ambos: o de estudar, discutir e refletir a literatura, no caso de Rama e o de produzir textos literários e jornalísticos, no caso de García Márquez.

É nesta relação de congenialidade jornalística que Ángel Rama e Gabriel García Márquez mantiveram entre seus pontos comuns, a preocupação com a formação de um público leitor, imprimindo às suas produções elementos que abarcassem não somente a questão do factual e do novidadeiro, como também aportes teóricos, se apresenta como uma constante nos dois escritores.

Optar pelo jornal, sem abandonar os livros, nos aponta outro dos aspectos relevantes na atuação de Rama e de García Márquez, na medida em que, ao se transferirem para uma dimensão distinta da esfera pública, a imprensa, passam a interagir junto a um público mais amplo. E já não mais limitados ao mundo acadêmico, “conseguem questionar certos lugares comuns do imaginário social e os poderes estabelecidos”, nas palavras de Gonzalo Aguiar<sup>20</sup>. Mais. Ao publicarem seus textos nas páginas de periódicos evitaram que as reflexões sobre literatura permanecessem encerradas às páginas dos livros e às salas das universidades, mantendo-se encapsuladas. Tal atitude apresenta em ambos, outra marca histórico-cultural, a de acompanhar o movimento da cultura e dos bens simbólicos junto à sociedade, como nos afirma Pierre Bourdieu.

Tal preocupação comum nos mostra que ambos, seguidores de princípios de marxistas e socialistas, viam igualmente na literatura o que confirma Aguiar: “El

---

<sup>20</sup> GONZALO, Aguiar. “Los intelectuales de la literatura: cambio social y narrativas de identidad”, In: ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina**, Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. IX Tendencias y debates. Vol. 2, Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p.685. Disponível em: <http://books.google.com.br/books>. Acesso em: 9 set. 2011.

discurso con el cual es posible construir narraciones de identidad, un espacio de formación ciudadana y una crítica de estado de cosas.”<sup>21</sup>

## Referências

ALTAMIRANO, Carlos. *Historia de los intelectuales en América Latina*, Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. IX Tendencias y debates. Vol. 2, Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p.685

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Notas de Prensa 1980-1984*. Santafé de Bogotá: Editorial Norma, 1995.

\_\_\_\_\_. *Crônicas – Obra jornalística 5 - (1961 – 1984)*. trad. Léo Schlafman, Rio de Janeiro: Record, 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Doce cuentos peregrinos*: Barcelona: Mondadori, 1992.

GONZÁLEZ, Aníbal. *La crónica modernista hispanoamericana*. Madrid: José Porrúa Turanzas, S.A, 1983.

*Literatura, Cultura, Sociedad en América Latina*. Antología, prólogo y notas de Pablo Rocca (Org.). Montevideo: Trilce, 2006.

RAMA, Ángel. *La narrativa de Gabriel García Márquez: edificación de un arte nacional y popular. Texto Crítico*, México, v. 10, n. 31/32, 1985b, pp. 147-245

\_\_\_\_\_. *García Márquez: la violencia americana*. Marcha (Montevideo), N.º 1201, (17 de abril de 1964), pp. 22-23

\_\_\_\_\_. *La Generación Crítica, 1939-1969*. Montevideo: Arca, 1972.

ROCCA, Pablo. *Ángel Rama y Antonio Cándido: Un Diálogo Crítico Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos Caras de Un Proyecto Latinoamericano*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

RODRIGUES, Joana F. *Nas páginas do jornal, Ángel Rama e Antonio Candido críticos literários na imprensa*. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

---

<sup>21</sup> Idem. p. 685

SATO, Nanami. “Jornalismo, literatura e representação” in: CASTRO, Gustavo de. & GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*: São Paulo: Escrituras, 2002.

---

*Literatura e jornalismo: uma leitura das crônicas de García Márquez*. Dissertação de Mestrado em Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.